

RESULTADO ECONÔMICO DA CULTURA DE PIMENTA NO VALE DO RIBEIRA
Fevereiro de 1973

Engº Agrº Evaristo Marzabal Neves

A participação da pimenta na renda bruta da agricultura paulista, embora seja insignificante em relação às grandes culturas, é relevante na economia agrícola do Vale do Ribeira.

Este estudo é uma atualização resumida de um trabalho realizado anteriormente no IEA⁽¹⁾. Visa oferecer aos interessados um ponto de referência sobre os custos operacionais e a viabilidade econômica da cultura nessa região, que atualmente vem mercendo atenção especial dos organismos públicos do Estado. Os seus objetivos são:

- a) descrição das características culturais, e
- b) determinação dos custos operacionais da cultura de pimenta (variedade chifre de veado) no Vale do Ribeira para dois níveis de tecnologia: tração motomecanizada e tração animal.

A informação básica foi obtida através de entrevistas junto aos produtores de pimenta no Vale do Ribeira, principalmente nos Municípios de Iguape, Miracatu, Pedro de Toledo e Itariri.

A cultura na região é quase exclusivamente efetuada por agricultores de origem japonesa. As empresas que produzem pimenta são pequenas, do tipo familiar.

⁽¹⁾ Estimativa das Despesas Diretas da Pimenta no Vale do Ribeira, SP, 1971/72, do mesmo autor, 15 pág., jan. 1972 (mimeografado).

Características da Cultura de Pimenta no Vale do Ribeira

Foram entrevistados diversos plantadores na área mencionada.

Uma particularidade que chamou a atenção é que não há uma condução uniforme da cultura. Verificou-se que um ou outro agricultor num local se sobressaía, sendo seguido em suas práticas agrícolas por ser considerado bom produtor.

Assim, nas duas regiões maiores produtoras, Iguape e Itariri, as técnicas utilizadas não se mostraram as mesmas no que diz respeito a época de plantio, espaçamento e colheita. Existe, porém, certa uniformidade nos tratos culturais e no preparo dos canteiros de semeadura e repicagem.

De modo geral, as práticas culturais mais encontradas, tanto para tração animal como mecanizada, foram as seguintes:

a) Preparo do canteiro de semeadura.

Este preparo é feito em princípios de janeiro (zona de Itariri) e estendido até fevereiro (zona de Iguape).

Alguns plantadores usam calcário em proporções reduzidas e, embora não seja uma prática constante, verificou-se a utilização em média de $0,5\text{kg/m}^2$ de canteiro, principalmente calcário de Pariquera-Açu.

O uso de fertilizantes, orgânicos ou químicos, é prática constante. Em média, constatou-se nos canteiros de semeadura o emprego de até 30kg de esterco de galinha e 5 a 20kg de adubo químico (CAC-4 foi o mais usado).

O combate às pragas e doenças se faz, em média, de 7 em 7 dias, e os produtos mais utilizados no canteiro de semeadura foram o Dithane M-45 (40g/vez) e o Rhodiatox ($20\text{ cm}^3/\text{vez}$).

A desinfecção do canteiro efetua-se raramente. Nesses casos, a Neantina é o produto mais utilizado.

Efetuem-se regas diárias quando não chove e faz-se a cobertura

cura do canteiro com folhas de banana, sapê ou sacos de juta, até a germinação das sementes.

b) Preparo do canteiro de repicagem.

O preparo se faz em fins de janeiro e estende-se até março. As plantinhas permanecem no canteiro de sementeação de 20 a 30 dias, sendo repicadas, em média, quando estão com 2 folhas. Como no canteiro de sementeação, há o emprego de fertilizantes e defensivos. A média de adubos químicos utilizados para 1.000 plantinhas varia de 5 a 20kg e 50-70kg de adubos orgânicos.

Os defensivos mais empregados são contra a alternária e pinta preta. Como no caso anterior, Dithane M-45 e Rhodiatox são os produtos mais utilizados. Verificou-se também o uso de fungicidas cúpricos, como o Cuprosan Azul no canteiro de repicagem. Também neste canteiro fazem-se regas diárias, de preferência à tarde quando não chove, e cobertura com sapê ou saco de juta, até 3 dias, mais ou menos, depois da repicagem.

c) Transplante.

Faz-se entre 20 e 30 dias após a repicagem.

O preparo do terreno consta de 1 ou 2 arações e gradeações.

O calcário, quando utilizado, é aplicado na proporção de 300 a 350t/1.000 pés.

O espaçamento mostrou-se o mais variável possível, condicionado, em parte, às experiências dos produtores, à largura das ruas, à utilização de motopulverizadores e à necessidade do "arrasto de mangueiras". Foram encontrados, entre outros, estes espaçamentos: 1,00 x 1,00m; 1,00 x 0,70m; 1,00 x 0,80m; 0,80 x 0,80m.

No plantio, depois de feito o coveamento, adubação e transplante, operação importante é o "acerto" dos canteiros, para evitar que chuvas mais fortes levem a plantinha ou que sejam pisoteadas.

A adubação no plantio efetua-se na base de 200-330g/pé e o adubo mais utilizado é o CAC-4. Notou-se que quase todos os entrevistados são filiados à Cooperativa Agrícola de Cotia, havendo uso maior de produtos dessa organização.

As principais operações no trato cultural são as capinas, executadas manualmente (3 a 6 vezes, dependendo das chuvas e da infestação de ervas daninhas), as pulverizações e a adubação em cobertura.

O combate às pragas e moléstias é prática efetuada quase semanalmente (7-10 dias). Havendo infestação de lagarta rosca utiliza-se o Aldrin. Outras infestações observadas foram de pulgões, trips, ácaros e alternária. Manzate, Dithane M-22 e M-45, Cuprosan Azul e Rhodiatox figuram entre os defensivos mais usados.

A adubação em cobertura se faz 1 ou 2 vezes, até a colheita. Utilizam-se de 100 a 220g/cova. Os adubos mais empregados foram CAC-4, CAC-3, e Takenaka.

A primeira apanha dos frutos se verifica a partir de julho e se estende por 2 a 3 meses.

Para uma segunda apanha (2 a 3 meses depois da primeira) usa-se outra adubação, à base de 200g/cova.

Um homem em média colhe e embala de 3 a 4 caixas de frutos maduros por dia.

Para este estudo considerou-se somente até a primeira colheita, cuja média de rendimento foi de 140cx/1.000 pés para a tração animal e de 200cx/1.000 pés para a tração motomecanizada, que pareceu mais tecnificada e mais ligada às instruções técnicas.

No quadro 1 têm-se as estimativas do resultado econômico para os 2 níveis de tecnologia considerados.

Considerando-se o preço médio de renda por caixa de Cr\$ 20,00 (Nov. a Dez. 1972) têm-se como resíduo disponível para remunerar terra, capital e empresário Cr\$ 668,34 e Cr\$ 404,80 por 1.000 pés, respectivamente, para empresas que se utilizam de tração motomecanizada e tração animal.

O rendimento do capital empatado no custo da exploração de pimenta foi de 28,66% e 23,88% respectivamente para a tração motomecanizada e tração animal⁽¹⁾.

$$^{(1)} \text{ Rendimento do capital} = \frac{\text{Resíduo}}{\text{Custo Operacional total}} \times 100$$

QUADRO 1. - Estimativa do Resultado Econômico da Exploração de Pimenta no Vale do Ribeira - São Paulo, por 1.000 pés - Tração Motomecanizada e Animal, 1972/73.

Item	Tração motomecanizada	Tração animal
	Cr\$/1.000 pés	
A. Renda		
Venda do Produto (1)	3.000,00	2.100,00
B. Custo Operacional (2)		
Sementes	2,30	2,30
Calcário	12,07	-
Fertilizantes	234,60	219,90
Defensivos	74,75	76,48
Combustível, lubrificantes	33,00	-
Caixas, ripas, pregos	479,55	362,15
Transporte (3)	200,00	140,00
Impostos e taxas (4)	22,00	15,00
Juros (5)	480,00	336,00
Reparos	51,94	5,66
Custo Operacional Efetivo	1.590,21	1.157,49
Depreciação	44,75	3,61
Mão-de-obra familiar	696,70	534,10
Custo Operacional Total	2.331,66	1.695,20
A-B = Resíduo disponível para remunerar terra, capital e empresário	668,34	404,80
Custo Operacional por caixa	11,65	12,10

(1) Produção estimada para tração motomecanizada: 200 cx/1.000 pés
Produção estimada para tração animal: 140 cx/1.000 pés.

(2) Sequência das operações: 1. Formação de muda (preparo do canteiro, desinfecção, semeadura, calagem, adubação, pulverizações, rega e cobertura do canteiro; 2. Repicagem (preparo do canteiro, repicagem, regas e cobertura, adubação e pulverizações; 3. Transplante para o campo definitivo (roçada e limpeza, aração e gradeação, sulcamento e acerto dos canteiros, calagem, coveamento, transplante e adubação no plantio; 4. Tratos culturais (carpas manuais, pulverizações, adubações em cobertura) e 5. Colheita e encaixotamento, transporte interno de insumos e produtos).

(3) Carreteiro até São Paulo.

(4) Despesas rateadas proporcionalmente à renda das atividades da empresa.

(5) Cobrados pelo vendedor em São Paulo (ao redor de 16%).